

HUMANIZAÇÃO, VIDA E MORTE

Claudia Murta
Fernando Pessoa

Universidade Federal do Espírito Santo
Secretaria de Ensino a Distância

Dimensões da Humanização
Aperfeiçoamento

Neste módulo, trataremos do homem que não é máquina, nem Deus, mas possui meios de assumir a sua condição de ser mortal. Um Deus é imortal. Uma máquina está aquém de ser mortal ou imortal, posto que a máquina não se reconhece, não se reflete – apenas reage mecanicamente. Qual é essa humanidade possível para que um humano supere tanto a desumanidade do deus imortal idealizado, quanto a do homem-máquina autômato ignorante de sua condição mortal? Será mesmo possível para o homem assumir sua condição de ser mortal?

Sigmund Freud nos faz perceber que a única condição do homem é de ser mortal. A condição de ser mortal, no entanto, é ao mesmo tempo a condição de ser vivente. O ser humano é mortal porque está vivo – e somente porque está vivo pode morrer. Acaso não houvesse a possibilidade da sua morte, o homem jamais se saberia vivente. Somente aquele que reconhece a possibilidade da morte pode se saber vivo; e somente aquele que está vivo pode reconhecer a possibilidade de sua morte. É se reconhecendo mortal e assumindo sua possibilidade de morrer que o homem pode viver plenamente sua condição de vivente. Logo, um humano que não assume sua mortalidade não poderá viver plenamente sua vitalidade. Raramente, entretanto, o homem lida conscientemente com a sua mortalidade.



*Humanização,
Vida e Morte*

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria de Ensino a Distância

HUMANIZAÇÃO, VIDA E MORTE

Claudia Murta
Fernando Pessoa

Vitória
2015

Presidente da República

Dilma Rousseff

Ministro da Educação

Renato Janine Ribeiro

**Diretoria de Educação a Distância
DED/CAPES/MEC**

Jean Marc Georges Mutzig

**UNIVERSIDADE FEDERAL
DO ESPÍRITO SANTO****Reitor**

Reinaldo Centoducatte

Secretária de Ensino a Distância – SEAD

Maria José Campos Rodrigues

Diretor Acadêmico – SEAD

Júlio Francelino Ferreira Filho

Coordenadora UAB da UFES

Teresa Cristina Janes Carneiro

**Diretor do Centro de Ciências
Humanas e Naturais (CCHN)**

Renato Rodrigues Neto

**Coordenadora do Curso de
Aperfeiçoamento em Dimensões
da Humanização – EAD/UFES**

Claudia Murta

Revisor de Conteúdo

Arthur Octávio de Melo Araújo

Revisor de Linguagem

Regina Egito

Design Gráfico

Laboratório de Design Instrucional – SEAD

SEAD

Av. Fernando Ferrari, nº 514

CEP 29075-910, Goiabeiras

Vitória – ES

(27) 4009-2208

Laboratório de Design Instrucional (LDI)**Gerência**

Coordenação:

Letícia Pedruzzi Fonseca

Equipe:

Verônica Salvador Vieira

Diagramação

Coordenação:

Heliana Pacheco

Equipe:

Ivanise Borges

André Wandenkolken

Ilustração

Coordenação:

Priscilla Garone

Equipe:

Vitor Bergami Victor

André Wandenkolken

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

M984h Murta, Claudia.
Humanização, vida e morte / Cláudia Murta, Fernando Pessoa. - Vitória : Univer-
sidade Federal do Espírito Santo, Secretaria de Ensino a Distância, 2009.
51 p. : il.

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-85-99510-61-2
Reimpressão, 2015.

1. Psicanálise. 2. Humanismo. 3. Morte - Aspectos psicológicos. 4. Vida. I. Pessoa,
Fernando. II. Título.

CDU: 159.964.2

Copyright © 2015. Todos os direitos desta edição estão reservados à SEAD. Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Secretária de Ensino a Distância da SEAD – UFES.

A reprodução de imagens nesta obra tem caráter pedagógico e científico, amparada pelos limites do direito de autor, de acordo com a lei nº 9.610/1998, art. 46, III (citação em livros, jornais, revistas ou qualquer outro meio de comunicação, de passagens de qualquer obra, para fins de estudo, crítica ou polêmica, na medida justificada para o fim a atingir, indicando-se o nome do autor e a origem da obra). Toda reprodução foi realizada com amparo legal do regime geral de direito de autor no Brasil.

Sumário

Apresentação
página 6

1 A psicanálise, a vida e a morte
Claudia Murta página 6

2 Da Liberdade de ser para a morte
Fernando Pessoa página 22

3 Experiências
Claudia Murta página 30

Anexo
Na Clínica do câncer infantil
Tânia Regina Anchite Martins
página 45

Apresentação

Neste módulo, trataremos do homem que não é máquina, nem Deus, mas possui meios de assumir a sua condição de ser mortal. Um Deus é imortal. Uma máquina está aquém de ser mortal ou imortal, posto que a máquina não se reconhece, não se reflete – apenas reage mecanicamente. Qual é essa humanidade possível para que um humano supere tanto a desumanidade do deus imortal idealizado, quanto a do homem-máquina autômato ignorante de sua condição mortal? Será mesmo possível para o homem assumir sua condição de ser mortal?

Sigmund Freud nos faz perceber que a única condição do homem é de ser mortal. A condição de ser mortal, no entanto, é ao mesmo tempo a condição de ser vivente. O ser humano é mortal porque está vivo – e somente porque está vivo pode morrer. Acaso não houvesse a possibilidade da sua morte, o homem jamais se saberia vivente. Somente aquele que reconhece a possibilidade da morte pode se saber vivo; e somente aquele que está vivo pode reconhecer a possibilidade de sua morte. É se reconhecendo mortal e assumindo sua possibilidade de morrer que o homem pode viver plenamente sua condição de vivente. Logo, um humano que não assume sua mortalidade não poderá viver plenamente sua vitalidade. Raramente, entretanto, o homem lida conscientemente com a sua mortalidade.

Com tais considerações, estamos nos lançando desde já diante de três questionamentos:

- 1) *O que é ser mortal?*
- 2) *O que é assumir ser mortal?*
- 3) *E quais são esses meios – qual o modo – de um ser humano assumir a sua mortalidade?*

Esse triplo questionamento acerca da assunção da mortalidade humana nos leva ainda a uma quarta pergunta, que já é, por si mesma, uma conclusão: seria possível um ser humano que não assuma sua natureza humana mortal? Essa busca pela humanização objetivada em nossos módulos de estudo atinge agora o cerne do humano, isto é, a sua mortalidade, que, em conseqüência, será também o cerne do humanizar. Humanizar pensado como reconhecer, respeitar e assumir que o ser humano é mortal.

Visando à compreensão da completude de nosso modo de ser, Heidegger indica, no primeiro capítulo da segunda parte de *Ser e Tempo*, a necessidade de demonstrar “um conceito ontológico suficiente, ou seja, existencial, da morte”. A fim de apresentar o seu conceito ontológico-existencial, Heidegger propõe uma compreensão da morte distinta de sua interpretação bio-fisiológica: ao contrário do findar do que é vivo, o conceito existencial da morte indica a compreensão que temos da morte antes mesmo de morrermos.

Só um processo que ofereça condições para que se possa trabalhar com a morte nos traz uma real humanização.

Para apresentar o tema da humanização sob essa perspectiva, desenvolvemos três módulos didáticos. Pretendemos, com esse formato, que o aluno perceba que o tema da morte e o tema da vida estão no cerne do conceito de humanização.

- No primeiro módulo, apresentamos a implicação do tema da humanização com o tema da morte dentro da perspectiva psicanalítica.
- No segundo módulo, descrevemos a interpretação existencial da morte proposta por Heidegger.
- No terceiro módulo, escolhemos alguns exemplos para a abordagem do tema.

Os primeiros passos para a aproximação com o tema a ser abordado na disciplina devem ser a leitura do programa juntamente com o estudo do mapa de atividades, ambos disponibilizados na plataforma moodle.



1 *A Psicanálise, a Vida e a Morte*

Claudia Murta

Planejamento

Devemos lembrar que este módulo tem a carga horária de 10 horas, no conjunto de uma disciplina de 30 horas/aula. Nas primeiras horas de trabalho, o aluno deverá ler a apresentação da disciplina e a introdução do módulo, a fim de perceber os objetivos a serem atingidos:

- Analisar a implicação do tema da humanização com o tema da morte dentro da perspectiva psicanalítica;
- Examinar a relação entre morte e vida na teoria psicanalítica;
- Perceber as influências do processo de civilização no campo de satisfação possível e impossível para o ser humano.

Para atingir os objetivos propostos, o estudante deverá, além de proceder à leitura do módulo didático, ter acesso à literatura fundamental para o acompanhamento do módulo, que são os textos básicos de Freud sobre o tema da pulsão. Nossa sugestão de leitura fundamental nesse contexto é o texto “Mal-estar na civilização”, de Freud. Essas leituras devem ser acompanhadas dos elementos de reflexão oferecidos no desenvolvimento do módulo.

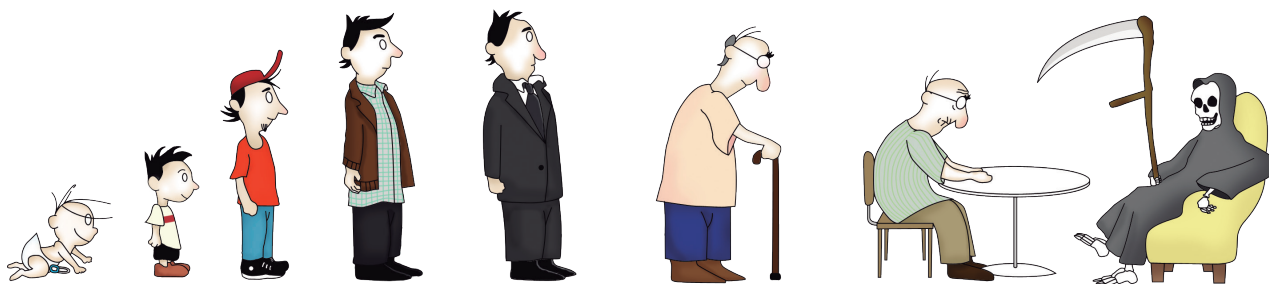
Após a realização dessa reflexão, solicitamos a participação de todos no Fórum sobre o tema A Psicanálise e a Humanização, explicitado no campo de atividades do módulo.

Introdução

A morte é algo que põe em risco a vida, que ameaça a vida, pois a vida, a todo o momento, se depara com a morte. Se pensarmos detalhadamente em cada evento ocorrido no nosso dia-a-dia, podemos notar que, muitas vezes, um minuto de atraso, um escorregão no lugar errado nos levaria facilmente à morte.

Mas tudo que nasce deve morrer, então, o nosso crescer, o nosso desenvolver, o nosso estágio de mudança de criança para adulto, de adulto para idoso é o nosso caminhar para a morte. Todo organismo determina o tempo de vida de cada um. O que está incluído neste tempo de vida é o tempo de vida “natural” do homem, é o tempo de vida do envelhecimento e da morte programado pelo organismo, mas há fatores externos ao corpo que podem antecipar a morte, em contraposição ao programa do organismo. Nesse ponto surge o paradoxo: o homem nasce para a morte, mas o homem tenta fugir da morte. Tal como enuncia Fernando Pessoa em seus “poemas dramáticos”,

*Medo da morte, não;
horror da morte.
Horror por ela ser,
pelo que é
E pelo inevitável.*



Nessas tensões contrárias – vida e morte, amor e ódio – se constituem as pulsões e gozo dos seres humanos, isto é, algo que está entre o psíquico e o somático, não pertence totalmente nem a um, nem a outro. Essas tensões em oposição são a origem do impulso, a mola mestra que impulsiona o homem a agir por prazer. Porém o homem não é composto somente pelo impulso do prazer, pois há a quantidade de gozo que depende da equação entre o prazer pedido pelo corpo e a quantidade que pode ser realizada.

Mas morte não é ausência de prazer, morte e vida são o que dá origem ao prazer e ao desprazer. Vida e morte são o que impulsiona o comportamento humano. Então, o que são vida e morte? Vida e morte são princípio e fim. São princípio e fim, respectivamente, vida e morte? Ao nascermos, estamos vivos; à medida que vivemos, envelhecemos; depois de viver, morremos. Logo, vida é princípio e morte é fim. Será realmente a vida o princípio e a morte, o fim, sem plenitude em sua finalidade?

*A morte é grande,
Nós somos dela
De boca ridente.
Quando nos
julgamos
no meio da vida
Ousa ela chorar
No meio de nós.*

A vontade do corpo, que não conhecemos originalmente, está ligada, a uma necessidade maior que a nossa necessidade de viver, a uma necessidade de morrer. Sua trajetória segue inevitavelmente para a morte. Em contrapartida, criamos uma idéia contrária ao destino humano, contrária à morte. As nossas partes, consciente ou sentimentalmente, nos tentam ao distanciamento da morte. Esta, não por acaso, é uma ameaça constante e incontornável, pois tudo o que vive, morre. Citando o poema *Final*, de Rainer Maria Rilke,

Se viver é morrer, a pergunta não se cala: por que nos sentimos estranhos à morte, se ela é o curso natural da vida?

Só nos sentimos estranhos à morte quando passamos a pensar vida e morte. O pensamento é que cria artifícios para sofisticar o nosso instinto de sobrevivência. O que é natural em nosso corpo, como em todos os animais, é a luta pela sobrevivência, porém o que nos difere destes é que o animal não reluta contra a sua morte natural, a morte programada pelo corpo, já o homem pensa vida e morte como opostos separados.

Toda artificialidade, toda engenhosidade, toda tramóia será efetuada pelo homem na tentativa de tapear a morte. Da morte se foge, mas não se escapa e quanto mais o homem tentar persistir na sua fuga pautada na vida, a morte persistirá o mesmo tanto no encaicho do homem. Notemos que a proposta científica moderna era de criar

comodidade e de perpetuar a existência humana, mas, junto a isso concebeu também coisas extremamente nocivas e capazes de destruir a humanidade inteira em horas. Tentamos prolongar a vida de cada indivíduo, mas, ao mesmo tempo, podemos levar à beira da extinção toda a humanidade.



O artifício mais eminentemente humano dentre todas as tentativas de sobrevivência da vida na Terra certamente é o artifício da linguagem. Apenas o humano vive pela linguagem, se constrói e se torna ser humano pela linguagem – e não por instintos previamente dados. A linguagem é o modo de ser do humano, e neste sistema simbólico o humano ultrapassa os outros seres. Uma colméia de abelhas também possui um complexo sistema de comunicação, mas tal sistema animal, por mais avançado que seja, é tão somente informativo, reativo ao ambiente. A fala humana vai além da informação, da comunicação informativa e da simples reação mecânica. A fala humana se caracteriza pela linguagem metafórica. É pela metáfora que se caracteriza o homem, e se evidencia o fato de que o homem não apenas possui um sistema mecânico de comunicação, mas produz em sua fala um sentido para além da simples informação. Essa característica de viver pela linguagem e por meio dela produzir sentido em sua vida – e não apenas reação – torna o homem um ser que necessita da produção de sentido. Ao se saber mortal, certamente o homem também precisa dar sentido a essa morte, a essa condição

Um real tratamento do tema da humanização implica o pensamento sobre a vida e a morte.

– Como se entrecruzam a vida e a morte?

– De que maneira a teoria psicanalítica está implicada nesse processo de pensamento?

de mortalidade. Esse sentido só pode ser produzido onde o homem se constrói e se torna homem, onde o homem se sabe mortal, ou seja, esse sentido para a humanidade e para a mortalidade só pode ser produzido na linguagem, pela e através da linguagem. A linguagem é também justamente onde o desejo do homem se reconhece como tal. A dualidade entre pulsões de vida e de morte aparece pela linguagem muito claramente, por exemplo, no movimento literário denominado simbolismo.

Vida e Morte

Se não podemos abordar a Psicanálise sem mencionar o termo morte, devemos também mencionar o termo vida.

Em Psicanálise, o termo vida aparece na teorização freudiana das pulsões como um dos nomes da pulsão.

Sendo a vida um dos nomes da pulsão, temos de marcar o fato de que Freud a denomina tanto como vida, quanto como morte, acrescentando que as duas modalidades de pulsão são indissociáveis.

Para a Psicanálise não existe vida sem morte.

Pulsão

Na Psicanálise, o conceito “que faz fronteira entre o psíquico e o físico” (FREUD, 1972, v. 7, p. 171) é a pulsão. Freud também considera as pulsões como um dos conceitos mais obscuros e difíceis de sua investigação. No texto “As pulsões e suas vicissitudes”, comenta que a pulsão é “um conceito básico que no momento ainda é obscuro, mas que nos é indispensável na psicologia” (FREUD, 1974, v. 14, p. 137). Esse conceito permaneceu obscuro até as suas últimas elaborações.

Em algumas traduções do termo trieb, utilizado por Freud para definir esse conceito, encontramos pulsão, em outras, instinto. A proximidade do termo trieb com o termo instinto, instinkt, denota a pulsão definida como um conceito que faz fronteira entre o somático e o psíquico.

As características da pulsão são sistematizadas nos artigos freudianos sobre a metapsicologia. No texto destinado às pulsões, “As Pulsões e suas vicissitudes”, suas características fundamentais são postas em evidência. Nele, a pulsão apresenta sua fonte de excitação no interior do organismo e sua manifestação como uma força constante. Essa produção constante de força interna é inesgotável e funciona imperativamente exigindo uma ação da parte do organismo. Graças a sua constância, essa força torna-se extrema, não permitindo qualquer fuga. Assim, o ser humano deve realizar uma ação específica para satisfazer a pulsão como exigência de trabalho. Isso quer dizer uma exigência de trabalho para o psíquico em decorrência de sua ligação com o corpo. Dito de outro modo, o corpo faz o psíquico trabalhar e esse suplemento se inscreve como pulsão. Essa proposição vem do fato de ser impossível fugir da pulsão.

Quatro elementos da pulsão

Zona erógena

Força constante

Objeto

Objetivo

Se fugir da pulsão é impossível, o aparelho psíquico deve aprender a trabalhar com uma força interna constante para não ser destruído. Segundo Freud, esta característica da pulsão é a base do funcionamento psíquico. Há qualquer coisa na própria natureza da pulsão que não se coaduna com uma satisfação total, tornando-se impossível, portanto, domar a força pulsional na sua totalidade. Se não há satisfação total, uma parte de satisfação é essencial à pulsão. De fato, não há pulsão sem satisfação.

Quatro vicissitudes da pulsão

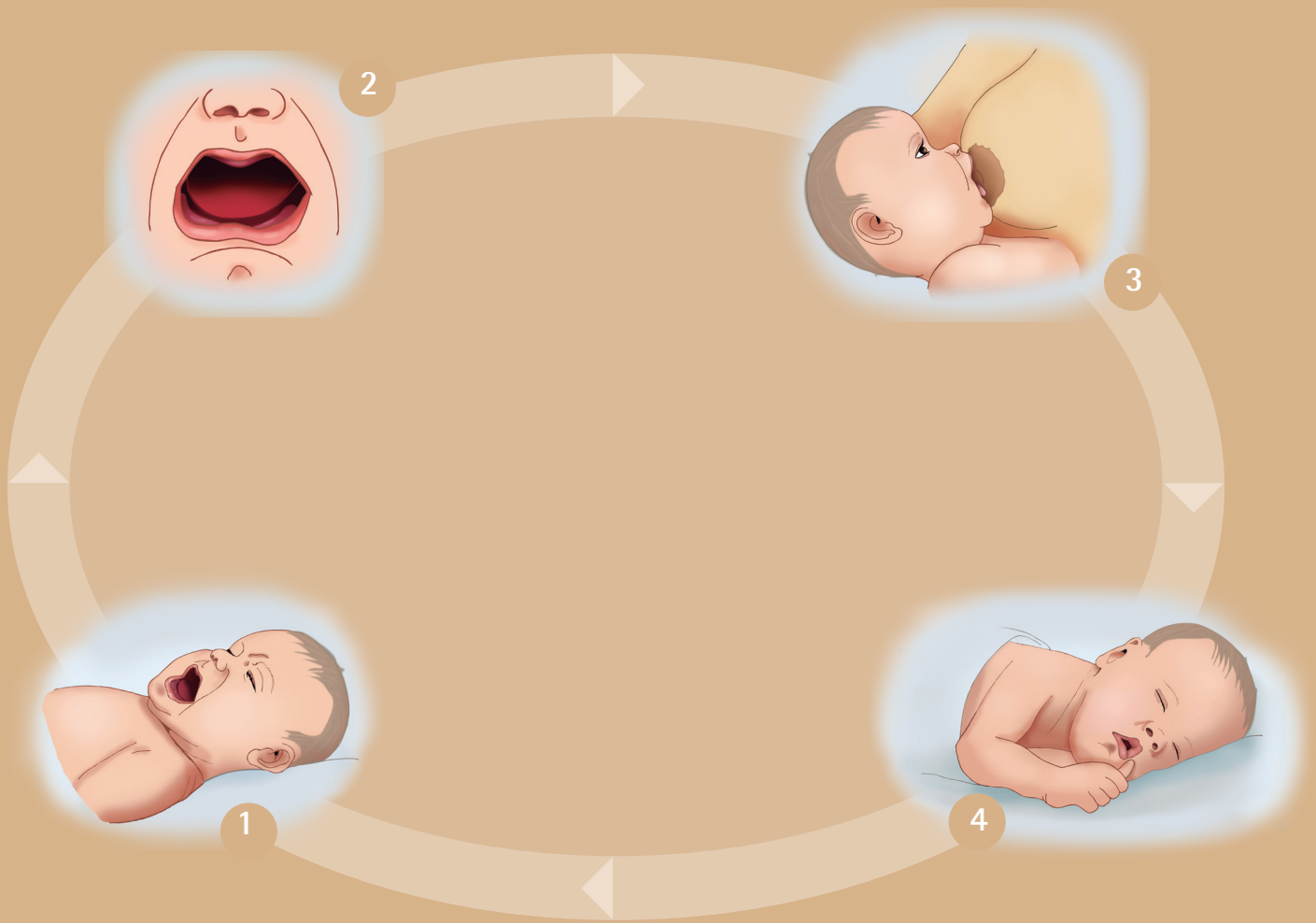
Recalque

Sublimação

Retorno ao próprio Eu

Reversão ao seu oposto

A pulsão recalçada não cessa de tender à sua completa satisfação, que consistiria na repetição de uma satisfação primária; todas as formações substitutivas e reacionais, todas as sublimações são impotentes para colocar um fim em seu estado de tensão permanente, e a diferença entre a satisfação obtida e a satisfação exigida constitui essa força motriz, esse aguilhão que impede o organismo de se contentar com uma situação dada, qualquer que ela seja.



1 *Exigência da satisfação e Falta:* O objeto desejado, o seio materno, não pode ser alcançado no momento e o bebê chora para conseguir o que deseja.

2 *Zona Erógena:* No exemplo a zona erógena é representada pela boca do bebê.

3 *Objeto de desejo:* O objeto desejado no exemplo é representado pelo seio materno. No momento satisfação obtida.

4 *Exigência da satisfação e Excesso:* Mesmo após a amamentação, o bebê ainda deseja o seio, mas alguns o substituem pelo dedo na boca que não supre o desejo pelo seio e pelo contato com a mãe, o que alimenta a pulsão por ter o seio materno novamente.

É a diferença entre a satisfação exigida e aquela que é conseguida que mantém o investimento sexual constante. À proporção que a pulsão é satisfeita, o desejo se mantém vivo, pois a satisfação exigida é maior que aquela que pode ser obtida. O excedente é fator de impulsão, porque também é ele que gera a falta que, por sua vez, revigora a exigência de satisfação.

Ao propor o aspecto econômico de sua teoria, Freud sustenta o princípio segundo o qual o aparelho psíquico tende ao equilíbrio. No entanto, essa tendência é, também, o que impulsiona o aparelho psíquico ao trabalho, já que a manutenção do equilíbrio com o mínimo de energia constante não se viabiliza, visto que o aparelho psíquico é submetido à pulsão. A tendência ao equilíbrio e a produção daí decorrente são expressões do princípio de prazer e do trabalho conjunto das pulsões de vida e das pulsões de morte.

A partir da distinção entre pulsão de vida (ou sexual) e pulsão de morte, elaborada em seu texto “Além do princípio de prazer” em 1920, Freud mantém a hipótese de que existe qualquer coisa no organismo que excede à sexualidade. Apresentando a pulsão de morte como a parte não-sexual da pulsão humana, Freud mantém o dualismo para que a teoria pulsional não perca a sua radicalidade. Esse enunciado mostra a importância do dualismo pulsional, cujo ponto fundamental é a diferença entre as pulsões de vida e de morte. A denominação “morte” para esse tipo de pulsão provém de sua tendência ao inorgânico. A pulsão de morte enquanto tendência ao inorgânico pode ser explicada como a exigência de satisfação total: a destruição. Contudo, segundo Freud, pode-se compreender a pulsão de morte apenas ligada à pulsão de vida. Pois a pulsão, como conceito geral, é sustentada por uma satisfação parcial proveniente da influência da pulsão de vida, a qual impede a satisfação total.

Princípio do prazer	Além do princípio do prazer
Tendência ao equilíbrio	Tendência ao inorgânico
Pulsão de vida	Pulsão de morte

Partindo desse apanhado sobre o estatuto do conceito de pulsão, podemos perceber que, em Freud, a satisfação é um elemento cen-

tral do conceito de pulsão. Assim, a satisfação é ligada à pulsão por apresentar sempre uma defasagem entre algo que se satisfaz e, ao mesmo tempo, escapa à satisfação.

Nesse espaço de desvio de satisfação, Lacan propõe seu conceito de gozo. Deve-se observar que, para Freud, a pulsão que é um modo de satisfação é, igualmente, um modo de gozo. O conceito lacaniano de gozo é mais esclarecedor que o conceito freudiano de satisfação. Segundo Jacques-Alain Miller em “Elementos para uma biologia lacaniana”, “o prazer se torna gozo no momento em que ele transborda o saber do corpo e deixa de obedecer-lhe. Esse prazer transformado em gozo é o que Freud chama de prazer sexual” (MILLER, 1999, p. 67).

O conceito de gozo é mais esclarecedor que o conceito de pulsão por trazer a em si mesmo a idéia de transbordamento do saber do corpo. A satisfação vista como esse transbordamento detém o domínio da alma sobre o corpo ao transbordar o saber que organiza as funções vitais do corpo. Um exemplo de Freud, comentado por Miller, é o caso de uma cegueira histórica que não tem fundamento orgânico. O gozo do olhar, nesse caso, suprime e tampona a função natural do olho que é de ver. O gozo introduz uma perturbação na função vital e, assim, o órgão deixa de funcionar e trabalhar para a finalidade vital.

Princípio do Prazer

Para a Psicanálise, o curso dos eventos mentais é regulado pelo Princípio do Prazer – uma tensão desagradável toma uma direção tal, que seu resultado final coincide com uma redução dessa tensão – uma evitação de prazer e uma produção de prazer.

Tais fatos estariam embasados na hipótese de que o aparelho mental se esforça para manter a excitação baixa e constante e, em conseqüência, o aumento da quantidade de excitação apresenta-se como desagradável.

Há uma forte tendência na mente em relação ao princípio de prazer, mas essa tendência não lhe garante a dominância.

O que impede o princípio do prazer de ser levado a cabo?

A pulsão se relaciona com a compulsão à repetição porque uma pulsão é um impulso, inerente à vida orgânica, restaurador de um estado anterior de coisas – impulso que o aparelho psíquico foi obrigado a abandonar sob a pressão de forças perturbadoras externas, expressão da inércia inerente à vida orgânica. As pulsões parecem encaminhar o aparelho psíquico na direção de uma mudança, mas, na verdade, são uma expressão da natureza conservadora da substância viva.

A situação paradoxal é que o organismo vivo luta com toda a sua energia contra fatos que poderiam auxiliá-lo a atingir o mais rapidamente possível seu objetivo de vida, a morte.

O Princípio do Prazer e a busca da felicidade

Em seu texto “Mal-estar na civilização”, Freud postula que as atitudes do homem frente à vida parecem tentativas de uma eterna busca pela felicidade, que este acredita ser o prêmio para uma “vida plena”. Porém essa felicidade pode ser entendida sob dois aspectos: ausência de sofrimento e experiências de prazer. A vida, portanto, seria regida por um princípio que a psicanálise trata como uma de suas grandes descobertas: o princípio do prazer – que é a tentativa do sujeito de sempre obter satisfação.

Contra-pondo-se a esse princípio – é importante compreender que isso não significa descartá-lo –, Freud aponta a existência do princípio da realidade – princípio que alerta o sujeito quanto às exigências do mundo exterior. Desse modo, nossas possibilidades de felicidade sempre são restringidas por nossa própria constituição; e o sentimento de infelicidade é mais fácil de experimentar, justamente pelo fato de que seja mais provável que aconteça. Isso porque, como vimos, a exigência de satisfação é maior do que a satisfação obtida.

Todo homem busca seu próprio meio de evitar os desgostos que a vida nos coloca. Não há um modo de felicidade que seja universal a todos os homens.

Para pensar

Seja a religião, seja a comunidade, seja a toxicomania, seja a sublimação, seja a fuga nas enfermidades psíquicas, seja o amor, todas essas maneiras de lidar com a realidade são, segundo Freud, fugas diante do real. Podemos pensar que: se todas as nossas saídas são, de uma maneira ou de outra, fugas, quais são as nossas reais chances de lidarmos com o real tal como ele se apresenta?



Freud menciona as três fontes de onde provém o sofrimento humano: o poder superior da natureza, a fragilidade de nossos próprios corpos e a inadequação das regras que procuram ajustar os relacionamentos mútuos dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade. Ele diz, sobre a última delas, que nossa civilização é em grande parte responsável por nossa desgraça.

A partir desse empecilho que se torna a própria civilização, na visão freudiana as neuroses eclodem como consequência das situações em que o indivíduo não pode tolerar a frustração que a sociedade lhe impõe através do recalque. A moral sexual da época exigia que as pessoas renunciassem aos seus desejos, fazendo com que se sentissem culpadas por seus desejos e fantasias. Isso acarretava sintomas neuróticos.

A civilização primeira tentativa de regular os relacionamentos sociais

O elemento civilização entra em cena como a primeira tentativa de regular os relacionamentos sociais. Em outras palavras, a idéia de civilização aponta para uma reunião de um grupo em que haveria um estatuto legal para o qual todos contribuiriam com um sacrifício de seus instintos – esse estatuto não deixaria ninguém à mercê da força bruta.

Freud aponta que não se pode desconsiderar o fato de que o homem tem uma poderosa quota de agressividade e que, em consequência dela, a sociedade civilizada se vê permanentemente ameaçada de desintegração.

Para que essa desintegração não ocorra, a civilização utiliza esforços supremos a fim de estabelecer limites para as pulsões agressivas do homem (incitar as pessoas a relacionamentos amorosos inibidos em sua finalidade, que seria a amizade, por exemplo; e o mandamento de amar ao próximo como a si mesmo). Mas esses esforços não conseguiram muito, justamente pelo fato de que a tentativa da civilização é de se livrar da agressividade humana tornando o homem alheio à sua pulsão, ao seu desejo.

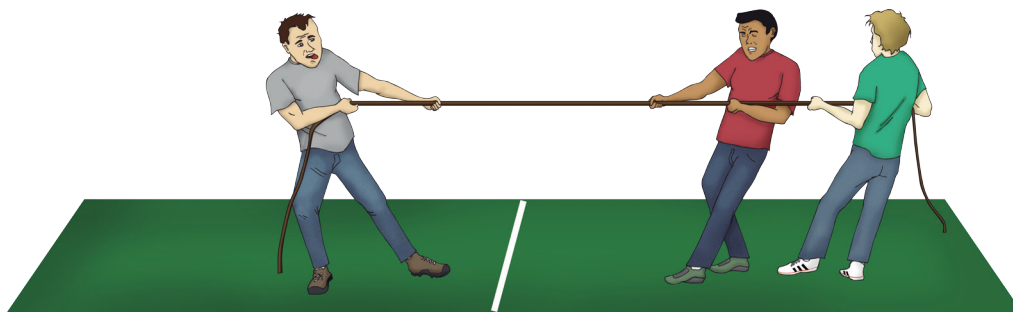
O homem civilizado se defende da pulsão e se torna alheio ao seu próprio desejo.

Sentimento de Culpa

A civilização se utiliza de meios para não se desintegrar. E, de acordo com o que foi abordado anteriormente, seria eficaz uma ação que conseguisse domar a agressividade humana, fazendo com que ela permanecesse num estado de eterna quietude. O superego seria a instância psíquica que assume essa posição de atuar como o domador das pulsões agressivas do ser humano; a construção do superego se dá a partir do sentimento de culpa. Segundo Freud, o sentimento de culpa seria o preço que pagamos por nosso avanço em termos de civilização, e a perda da felicidade provém de sua intensificação.

Pode-se pensar na relação que se dá entre sentimento de culpa e o mal-estar. Que peso tem um sentimento na nossa sociedade que parece cercear a exposição de nossos desejos?

Representação da tensão que existe ao tentar controlar a Pulsão. De um lado está o Desejo e no outro a Civilização e o Super ego.



A Psicanálise diante do mal-estar da civilização

Segundo o psicanalista Jacques-Alain Miller, “a psicanálise foi inventada para responder a um mal-estar na civilização”(MILLER, 2005, p.13). Essa afirmação de Miller avança no sentido de que a psicanálise está, a partir da proposta freudiana, à escuta do movimento da civilização. A esse respeito, Freud assegura não termos nenhuma chance de nos livrarmos do mal-estar que nos acompanha enquanto homens civilizados. Seguindo Miller, em sua interpretação do texto freudiano, ainda no texto citado, existe “um mal-estar do sujeito mergulhado em uma civilização que se poderia enunciar assim: para fazer existir a relação sexual, é preciso refrear, inibir, recalcar o gozo”.

O ser humano não se livra do mal-estar por não conseguir dominar inteiramente suas pulsões de vida e de morte.

Podemos perceber, a partir desse comentário, que a civilização, sendo construída sobre o alicerce do recalque, não contém as manifestações da pulsão; do movimento de vida e de morte que têm como fundamento o princípio de prazer.

Na literatura...

Nas “*Memórias póstumas de Brás Cubas*”, obra de Machado de Assis, encontramos a seguinte passagem:

“– Creio; eu não sou somente a vida; sou também a morte, e tu estás prestes a devolver-me o que te emprestei. Grande lascivo, espera-te a voluptuosidade do nada”.¹

1 Assis, M. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: FTD, 1987. p. 33-34.

Esse fragmento traduz o instante em que o personagem Brás Cubas está absorvido em seu delírio, que revela, podemos dizer, um exemplo claro da luta entre as pulsões de vida e de morte, tal como propõe Freud.

Temos a oportunidade de constatar, dessa forma, que é em meio a disfunções (o delírio) de suas faculdades mentais cotidianas que tal personagem é levado a conceber a situação inevitável em que é dada a sua existência, ou, melhor dizendo, a existência desse animal chamado homem. É justamente nesse instante de “êxtase” que pôde Brás Cubas vir a lançar-se naquele “nada” (ou seja, ante sua própria morte), tendo a possibilidade de se ver face a face, bem como, a um só tempo, vir a compreender o que ele é, ou seja, vida e morte; estas, não mais como isoladas, antes como determinação onde uma não pode ser sem a presença da outra. Pôde então compreender estar mesmo naquele “nada” e, também, saber que o mesmo² o aguarda mais à frente, tendo em vista posicionar-se como aquela existência que é e só existe como aquele *entre*³, que se faz da luta entre dois tenazes: Eros⁴ e Thânatos⁵; assim, não podendo fugir àquele momento a que “ele” cabe e pertence: o da morte.

Aí está aquela condição constitutiva de que não é dado ao humano furtar-se, tornando-se a mais difícil de ser assumida e aceita de modo sereno por uma grande parte do universo de homens, que sabemos, todos mortais.

A psicanálise vem evidenciar a condição mortal do ser humano. O elemento principal dessa articulação é nomeado por Freud como *pulsão de morte*. Donde se pode entender que uma tensão desagradável toma uma direção tal que culmina em sua redução – equilíbrio dos opostos que a um só tempo existem.

E é em busca de uma maior quantidade de prazer que o homem almeja diminuir as tensões – ora oriundas do fato de este ente dar-se a compreender como um existente que existe e tem necessidade de decidir, a todo o instante, o rumo que irá tomar – mesmo tendo que utilizar e/ou se armar de certas quantidades de desprazer. Assim,

2 O Nada.

3 *Entre*: este que ele, o homem, é. É bom que se atente para o fato de a Pulsão, para Freud, ser proposta como “aquilo que faz fronteira entre o psíquico e o físico”.

4 Aqui representando vida.

5 Aqui representando morte.

as decisões deste homem são tomadas na mediação dos estímulos provindos de seu interior (psíquico) com os do exterior (físico/ambiente) a que pertence.

Nada impede que a civilização seja organizada na perspectiva de diminuir a tensão (ver o que certas pessoas fazem e deixam de fazer para possuir seus carros, casas, etc., alimentando a voraz fome de um capitalismo que tem por alimento o desejo do *ente*, homem); porém o processo aqui demanda uma quantidade de tempo maior, pois envolve uma luta em que se objetiva a conquista das forças externas sobre o homem (o domínio de suas forças internas), o que o levará a adotar um modo específico de lidar com as excitações provindas de seu interior, tendendo a tratá-las como se fossem de fora e não mais de dentro.

Em meio a esse distúrbio funcional é que Freud aponta a atitude e o modo do homem lançar-se na religião, na toxicomania, em meio à enfermidade psíquica (lembrar nosso personagem Brás Cubas), no amor, como sendo, todas elas – que são maneiras de lidar com a realidade – nada mais, nada menos do que fugas diante do real.

Com isso, o que nos resta? O fato de o organismo vivo desejar morrer a seu próprio modo. Como? O homem, conforme temperando a sua existência mediante doses a serem administradas de prazer e desprazer – tendo por objetivo o atingir de sua felicidade – terá por objetivo maior, então, morrer aquela *morte* que mais lhe “*cabe*”: a *natural*, aquela que lhe proporciona morrer na condição de lhe permitir fechar um “*ciclo*”, ora previsto para os de sua espécie.

A psicanálise põe em evidência o fato de não possuímos os meios ideais a nos garantir desse desvio eficaz; modo eficaz de nos distanciar disso que há de mais verdadeiro e certo e que nos é dado desde nossa origem: a *morte*. Pois, por mais que tentemos dela correr, mais apegada a nós ela está. Assumi-la vem a ser questão crucial para uma mudança de atitude mais serena para com o modo que estejamos e/ou venhamos a navegar através dessa imensa embarcação, de fogo, em que somos e existimos com a morte: a *vida*.

Leituras Recomendadas

ASSIS, M. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

FREUD, S. *Além do Princípio do Prazer*. In: Edição Stand Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud, v.VIII. trad. José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. *As pulsões e suas vicissitudes*. In: Edição Stand Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud, v. XIV. trad. José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. *O mal-estar na civilização*. In: Edição Stand Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud, v.XXI. trad. José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: Edição Stand Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud, v.VII. trad. José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

MILLER, J-A. *Elementos para uma biologia lacaniana*. Belo Horizonte: EBP-MG, 1999.

_____. Uma fantasia. In: *Opção Lacaniana*. São Paulo: Eólia, n. 42, jan. 2005.

PESSOA, F. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

RILKE, R. M. *Poemas, as elegias de Duino e Sonetos a Orfeu*. Trad. de Paulo Quintela, Porto: O Oiro do Dia, 1983.

Avaliação

Ficha de leitura do texto de Freud incluindo uma articulação com os conceitos teóricos abordados no módulo didático.

Sites recomendados e disponíveis em

www.wapol.org/pt
acessado em: FEV/2009

www.wapol.org/ornicar
acessado em: FEV/2009

www.ebp.org.br
acessado em: FEV/2009

www.latusa.com.br
acessado em: FEV/2009

Fórum de discussão

A Psicanálise e a Humanização

Como a Psicanálise possibilita a humanização ao colocar em evidência a condição mortal do ser humano?



2 *Da Liberdade de ser para a Morte*

Fernando Pessoa

Planejamento

Como já foi explicitado, este módulo tem a carga horária de 10 horas, no conjunto de uma disciplina de 30 horas/aula. O aluno deve ter sempre em mente a necessidade de efetuar 10 horas de estudo semanais a fim de cumprir os requisitos da disciplina.

Desse modo, podemos passar à leitura da introdução do presente módulo visando conhecer os objetivos a serem atingidos:

- Acompanhar a interpretação existencial da morte proposta por Heidegger;
- Buscar a compreensão da morte em seu sentido existencial;
- Analisar as implicações de ambas, da interpretação e da compreensão existencial da morte.

Em sua conferência intitulada *A coisa*, Heidegger diz que:

Os mortais são os homens. São assim chamados porque podem morrer. Morrer significa: saber a morte, como morte. Somente o homem morre. O animal finda. Pois não tem a morte nem diante de si, nem atrás de si. A morte é o esconderio do nada, do que nunca, em nível algum, é algo que simplesmente é e está sendo. Ao contrário, o nada está vigindo e em vigor, como o próprio ser. Esconderio do nada, a morte é o resguardo do ser. Chamamos aqui de mortais os mortais – não por chegarem ao fim e finarem sua vida na terra, mas porque eles sabem a morte, como morte. Os homens são mortais antes de findar a vida. Os mortais são mortais por serem e vigorarem no resguardo do ser. São a referência vigente ao ser, como ser.⁶

A fim de encaminhar uma consideração existencial da morte, com o propósito de compreender a relação entre finitude e liberdade no pensamento de Heidegger, propomos uma interpretação do fragmento citado, buscando mostrar, a partir do contraponto com uma interpretação biológica da morte, como esse pensador compreende a liberdade de ser para a morte.

Em uma perspectiva biológica, vida e morte são consideradas apenas em seus aspectos bio-fisiológicos, e não existenciais. Nesse horizonte de interpretação, a vida é o funcionamento e a morte, o cessar das funções vitais do organismo. Assim, concebendo o homem apenas como um organismo biológico, a vida e a morte humana reduzem-se ao funcionamento dos corpos animados da natureza; nessa perspectiva de questionamento, a vida humana é interpretada como algo universal aos seres vivos, intrínseco e comum aos organismos naturais, que pode ser determinado e classificado analítica e

6 Heidegger, M. *Ensaaios e Conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 156.

estatisticamente em suas funções alimentares, digestivas, reprodutivas, etc. – e cujo fim é a morte, concebida como o cessar desses funcionamentos orgânicos. Para essa consideração bio-fisiológica, a morte é o fim da vida, que igualmente pode ser reconhecida ou diagnosticada por meio de análise de dados e estatísticas. Heidegger caracteriza tal compreensão biológica da morte com a palavra “findar” (Verenden), na diferença do termo “morrer” (Sterben), usado para nomear o fenômeno existencial da morte. Por isso, no texto citado, ele diz que:

“Somente o homem morre. O animal finda”.

- Qual a diferença entre findar e morrer?
- Como a morte constitui o que é mais próprio e específico do homem?
- Como a morte perfaz a nossa essência?

Em sua Carta sobre o humanismo, Heidegger diz que:

O corpo do homem é algo essencialmente diferente de um organismo animal. Não se supera o erro do biologismo ajuntando-se ao corpo do homem a alma, o espírito. [...] Assim como a essência do homem não consiste em ele ter um organismo animal, assim também não se pode eliminar ou compensar essa determinação insuficiente da essência do homem dotando-o de uma alma imortal, ou razão. O que o homem é – isso significa, na linguagem tradicional da metafísica, a “essência” do homem – repousa na ex-sistência.⁷

Ao contrário da concepção tradicional, que distingue a essência, como uma possibilidade universal, da existência, como a realidade particular, efetiva e aparente do real, segundo Heidegger, somente o homem existe, pois a essência do homem é a existência. Ao contrário de significar a realidade efetiva de um ente particular, existência, neste contexto, significa ser na compreensão de poder ser, indica a característica específica do homem, a sua compreensão de ser. Por existir, o homem não se encontra nunca pronto e acabado, tal como os demais entes “simplesmente dados”, mas se concretiza lançado na possibilidade aberta em sua compreensão de ser, em sua abertura existencial.

7 Heidegger, M. *Sobre o humanismo*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967, p. 41.

Como o ser não é um ente, mas, antes, o que o possibilita, o nada como possibilidade de ser consiste, então, na possibilidade de possibilidade. Distinta da possibilidade de realidade, o possível do 'ainda não' que a qualquer momento se realiza, a possibilidade de possibilidade não se funda nem em um ente, uma realização, nem em um não-ente, a negação de uma realidade. Na possibilidade enquanto possibilidade, ser e não ser disputam a vigência do que está sendo, do que se efetiva como real; escrínio do nada, a morte é o resguardo do ser.

Como nunca nos encontramos prontos e acabados, estamos sempre jogados diante do nada de nossa possibilidade existencial: ser ou não ser, eis a questão. Porque a existência do homem não está pronta, como esta cadeira na qual estou sentado, quem ele é se perfaz no aqui e agora de sua situação, tendo sempre que vir a ser numa disputa com o nada, com a possibilidade de realizar ou não o que ele está sendo. Há em nossa vida um caráter de incompletude, uma contingência necessária que nos impõe a vir a ser o que somos no que estamos sendo.

Diferentemente dos deuses, o homem morre.

Heidegger caracteriza essa nossa essência como finitude da existência. A finitude indica a nossa condição temporal, histórica, na diferença da infinitude eterna do que não se temporaliza, do que é onipresente, onipotente, sempre todo e completo.

Ser mortal não é um atributo que o homem pode ou não possuir. Antes de qualquer qualidade acessória, a morte fundamenta a própria condição humana, a sua constituição existencial. A morte perfaz a essência do homem como existência.

Se o que caracteriza fundamentalmente o homem é a existência, o fato de ele se constituir na compreensão de seu próprio poder ser, devemos então considerar a morte humana existencialmente como sendo não apenas o que finda a nossa vida, mas, mais fundamentalmente, o que a constitui em sua essência: "Os homens são mortais. São assim chamados porque podem morrer. Morrer significa: saber a morte, como morte." Essa nossa consideração existencial da morte se propõe a indicar que, antes de ser o que interrompe e finda a vida, a morte é o fundamento da existência humana.

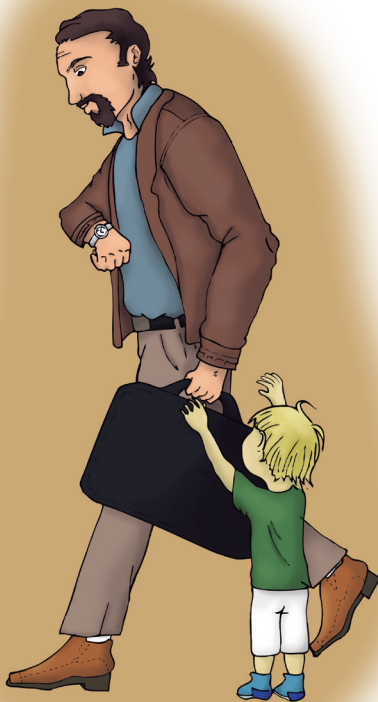
Assim como a vida não é o que acontece apenas quando nascemos, a morte não é também apenas o acontecimento que finda a nossa existência.

A tensão entre vida e morte perfaz a condição existencial do homem, a vigência do que somos entre nascer e findar; a disputa entre a vigência do ser e o vigor do nada promove a transcendência existencial de nossa destinação.

O homem, como compreende o seu poder ser (o que foi, é e será), só para ele ser ou não ser é questão, só ele tem a destinação da história: só o homem já tem existencialmente o sentido da morte. Existir é viver na compreensão da morte – ser-para-a-morte.

Para esta nossa consideração, a morte, como essência da vida humana, constitui o vigor da existência do homem, é um fenômeno existencial que só vigora enquanto vivermos. Para o homem, considerado como aquele que sabe que vai morrer, o vigor da morte consiste na compreensão da possibilidade mais extrema de sua vida, a compreensão da possibilidade de sua própria impossibilidade. A morte não é apenas uma possibilidade dentre outras da vida, ela constitui a modalidade mais extrema de ser possibilidade de possibilidade – a morte é a possibilidade da impossibilidade de ser. Tal possibilidade da morte se revela com a angústia de existirmos em sua iminência, ela se mostra em nossa experiência da vigência do nada. Para nós que somos na compreensão de ser, o nada da morte se compõe com o ser da vida.

É porque esquecemos de nossa morte que descuidamos da vida, que estamos sempre adiando mais uma vez as nossas decisões fundamentais, negando a tarefa de existir e postergando as nossas realizações mais importantes para um além que nunca advém. Outorgamos a nossa morte à impropriedade comum e genérica de sua consideração biológica, esquecendo que, porque somos na iminência da morte, na possibilidade da impossibilidade de existirmos, temos que cuidar da vida realizando propriamente o que somos: de sua própria morte, morre apenas o homem realizador de si mesmo.



Porque existe, o homem é um ser-para-a-morte. Esta sua constituição existencial, na medida em que lhe impõe a tarefa de vir a ser o que ele é, de ter que existir no envio do sendo, é o que confere liberdade ou miséria ao homem. Como o destino de nossa vida não está pronto, mas se encaminha a partir do que fazemos ou deixamos de fazer, o homem se encontra sempre diante da encruzilhada de ser e não ser, de liberdade e miséria. Só o homem é livre, por isso responsável pela sua vida, precisando vir a ser o que ele é.

Os animais e vegetais não são livres (nem miseráveis) por terem as suas vidas determinadas pela ordem da natureza; Deus também não é livre nem miserável porque, por ser eterno, já é tudo, e por já ser tudo não pode mais nada. Deus não morre, não possui o nada que, resguardando o ser, liberta o homem. Os animais e vegetais não morrem, findam, e Deus não morre porque é eterno: só o homem morre, só ele é livre para a morte. A liberdade da vida humana consiste na assunção de sua morte, no ser-para-a-morte que cuida de sua própria vida. Como os mortais são aqueles que, antes de morrerem, já compreendem a morte como morte, assumir a morte consiste em cuidar da vida. Tal assunção faz o homem existir apropriadamente, demanda que ele perfaça o que ele faz com mais perfeição: “Morrendo a toda a hora, fui encontrando sempre uma vida melhor” (Angelus Silesius).

Ao fim desta consideração existencial da morte, revela-se o nosso propósito oculto de indicar que, como mortais, os homens são aqueles que possuem uma referência não apenas com os entes, mas com o próprio ser que os constitui.

A consideração existencial da morte tinha como propósito lembrar do equívoco de, pelo medo da morte, imperceptivelmente trocarmos o ser pelo ente e não mais cuidarmos da liberdade, não mais criarmos a nossa vida desde a sua possibilidade mais plena. Porque existimos, somos sempre diante do nada, vivemos na proximidade estranha da morte, na possibilidade extraordinária da criação. Esta é a nossa angústia: a liberdade de podermos ser criadores do que somos. Como, todavia, de imediato não suportamos a angústia desta liberdade de vir a ser o que somos diante do nada, de ser na possibilidade de poder-ser, o homem, na maioria das vezes, tem a tendência de, imperceptivelmente, negar essa sua condição existencial e apegar-se às determinações já definidas como verdadeiras, à miserável segurança das certezas habituais, lógicas, morais, etc. Esse apego consiste na recusa da transcendência existencial de nossas vidas, ele persiste no desvio da possibilidade de vir a ser o que se é a

partir da descoberta e apropriação de si mesmo; esse apego ao que é seguro e já realizado é o que causa a miséria existencial, a esclerose da vida humana.

O propósito dessa consideração existencial da morte foi pensar como, somente suportando o nada de nossa condição, podemos ser para a morte e, ao contrário de temer pelo fim, viver propriamente a repetição de nossa própria origem. A nossa proposta foi considerar como, apenas assumindo a estranheza de sua morte, pode o homem sentir a extraordinária liberdade de existir. Este sentimento é o assunto dos últimos versos da primeira das Elegias de Duíno, de Rainer Maria Rilke:

*É estranho, sem dúvida,
já não habitar a terra,
já não seguir os costumes que mal foram aprendidos,
já não dar às rosas e às outras coisas,
grávidas de promessas,
a significação do futuro humano;
já não ser o que era na angústia infinita das mãos e
abandonar até o próprio nome,
como um brinquedo quebrado.
É estranho já não desejar os desejos.
Estranho ver pairar, solto no espaço, tudo que se relacionava.
Estar morto é trabalhoso
e cheio de repetições para,
aos poucos,
sentir uma parcela de eternidade.*

Leituras Recomendadas

HEIDEGGER, M. Carta sobre o Humanismo. Lisboa: Guimarães, 1985.

_____. Ensaios e Conferências. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. Ser e Tempo. Trad. Márcia S. Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 2002.

RILKE, R. M. Poemas, as elegias de Duino e Sonetos a Orfeu. Trad. de Paulo Quintela, Porto: O Oiro do Dia, 1983.

Sites recomendados e disponíveis em

www.heidegger.org
acessado em: FEV/2009

www.pensadores.blig.ig.com.br
acessado em: FEV/2009

personales.ciudad.com.ar/M_Heidegger/index.htm
acessado em: FEV/2009

Fórum de discussão

Heiddeger e a morte
Porque, para Heidegger, somente se existe como humano quando se assume sua morte?



3 Experiências

Claudia Murta

Planejamento

Devemos lembrar que este módulo tem a carga horária de 10 horas, no conjunto de uma disciplina de 30 horas/aula. Nas primeiras horas de trabalho, o aluno deverá ler a apresentação da disciplina e a introdução do módulo, a fim de perceber os objetivos a serem atingidos:

- Examinar os exemplos de experimentação da morte nos diversos campos apresentados: poesia, mística, psicanálise e parto e nascimento, na clínica com pacientes terminais;

Para atingir os objetivos propostos, o estudante deverá, além de proceder à leitura do módulo didático, ter acesso à literatura fundamental para o acompanhamento do módulo. Nossa sugestão de leitura fundamental nesse contexto é:

- O livro de poesias de Santa Teresa D'Ávila, "Seta de Fogo" ou de outro místico tal como São João da Cruz, Mestre Eckhart, entre outros;
- Os relatos de final de análise publicados pela revista da Escola Brasileira de Psicanálise – Opção Lacaniana;
- O livro de Paulo Batistuta e Claudia Murta sobre "Parto: uma dimensão do gozo feminino".

Após a realização dessa reflexão e análise dos textos, solicitamos a participação de todos na conversação planejada para o encontro presencial com o tutor.

Introdução

Nos módulos anteriores, abordamos a implicação do ser humano com a morte e principalmente com a consciência de ser mortal. Refletimos ainda que a plena vitalidade humana advém tão somente do reconhecimento e assunção da mortalidade. Cada momento de irrompimento da vida, portanto, sempre é acompanhado do reconhecimento de uma separação, ou seja, da aceitação da morte.

Essa experiência de separação ou, de outro modo, experiência de morte, foi anunciada nos módulos anteriores quando, a partir do pensamento freudiano, falávamos de diferença entre a exigência de satisfação da pulsão e a quantidade de satisfação que podemos obter. Nesse hiato entre a satisfação exigida e a satisfação obtida surge o campo da experimentação do gozo, que traz consigo manifestações da pulsão de morte e uma conseqüente profusão de sentimentos, dentre eles a angústia.

Em relação ao pensamento de Heidegger, para quem o vigor da morte consiste na compreensão da possibilidade mais extrema da vida, a morte não é apenas uma possibilidade dentre outras da vida, ela constitui a modalidade mais extrema de ser. Tal possibilidade da morte se revela com a angústia de existirmos em sua iminência, ela se mostra em nossa experiência da vigência do nada. Desse modo, para ambos os pensadores, a angústia é um dos sinais dessa experiência.

Em seu texto “Inibição, Sintoma e Ansiedade”, de 1925, Freud indica o papel da angústia como elemento impulsionador de sintomas: ela desencadeia um processo defensivo norteado pelo desprazer. De fato, a geração da angústia é remetida a uma situação de perigo, de vivência limítrofe, ou seja, a angústia evidencia uma situação de risco através de traços de desprazer já existentes no interior do sujeito, que passa a vivê-la. A angústia é um sinal de que uma experiência difícil pode ser vivida, mas já é experimentada pelo próprio aparelho psíquico por meio da angústia.

Tal como a angústia, outros sentimentos aparecem nesse instante de vivência de morte.

Nosso propósito, neste módulo, é trabalhar exemplos relatados dessa experiência para não abordarmos o tema de um ângulo exclusivamente teórico. Escolhemos alguns exemplos para a abordagem do tema:

- Na mística carmelita, discorremos sobre certos aspectos da mística de Santa Teresa D'Ávila.
- Na psicanálise, comentamos um relato de final de análise.
- No instante do parto e nascimento, apresentamos três relatos de parto e nascimento.
- Na clínica do câncer infantil, disponibilizamos um texto de uma médica e psicanalista a respeito do tema.

Tais exemplos apresentam necessariamente uma separação – morte – para a configuração de uma nova existência.

Na mística

Lacan elabora uma teoria sobre o gozo baseada no conceito de pulsão, formulado inicialmente por Sigmund Freud, como sendo aquilo que faz “fronteira entre o psíquico e o físico”. Algo que se origina no corpo e responde psiquicamente.

Como vimos, a pulsão é apresentada como uma energia constante, intrínseca e interna ao organismo, a qual exige uma satisfação obtida apenas a partir de um encontro com um objeto externo. A pulsão é uma exigência de satisfação a partir da qual todo alívio obtido é parcial, pois o objeto não é jamais suficientemente atingido para a satisfação total. A diferença entre a satisfação exigida e a satisfação obtida mantém a pulsão constante em sua exigência. Tendo em vista que a satisfação da pulsão é parcial, a tendência do prazer é a diminuição, pois a exigência de satisfação é sentida como desprazer. Para Freud, o excedente entre a exigência de satisfação e a satisfação obtida manifesta algo que escapa ao princípio de prazer, que está além desse princípio e que o domina. Isto que está para além do princípio do prazer – a fatalidade de uma satisfação jamais alcançada e sempre almejada – é o que Jacques Lacan nomeou como gozo.

Lacan propõe dois tipos de gozo: um gozo fálico e um gozo exclusivamente feminino. Para ele, o gozo fálico existe porque habitamos o campo da linguagem (simbólico). Sendo assim, o gozo fálico pode estar em qualquer atividade, pois mantém o princípio de prazer. Já o gozo feminino não entra no campo da linguagem e, dessa forma, não tem representação possível. O seu acesso é possível pela via da experiência, podendo ser percebido através do êxtase. Esse gozo se relaciona com o que está além do princípio de prazer. No texto do “Seminário XX”, Lacan indica a literatura dos místicos como fonte de acesso para o entendimento de sua proposição sobre o gozo feminino. O êxtase místico oferece, para Lacan, a mesma disposição desse gozo.

A fim de acompanhar o fenômeno do êxtase, fazemos referência a Erwin Rohde em seu comentário sobre a manifestação do êxtase na Antigüidade. Segundo ele, “à alucinação se associa um estado de sensibilidade para o qual a dor mesma é um gozo, ou uma insensibilidade à dor, como aquela que se constata na superexcitação”⁸. Essa insensibilidade à dor é uma forma de anestesia. Esse tipo de fenômeno explica o ‘ekstasis’ ou a saída da alma de seu corpo. “O êxtase é ‘uma loucura momentânea’, enquanto a loucura é um êxtase permanente”.

No êxtase, o modo de gozo se manifesta enquanto desaparecimento do corpo próprio.

O êxtase se apresenta como um gozo que eleva o corpo a uma outra realidade sem limites.

No êxtase, o sem-limites ultrapassa a reivindicação fálica e atinge diretamente o corpo em forma de arroubamento sem mediação significativa. No êxtase, o modo de gozo se manifesta enquanto desaparecimento do corpo próprio. A sensação de desaparecimento do corpo no êxtase é relatada nos poemas místicos tais como “Vivo sem viver em mim” de santa Tereza D’Ávila, do qual citamos um fragmento:

*Vivo já fora de mim,
depois que morro de amor,
porque vivo no Senhor,
que me quis só para si.*

*meu coração lhe ofereci
pondo nele este dizer:
Que morro por não morrer.*

Os êxtases místicos são cantados através de poemas que, segundo os próprios místicos, não traduzem de modo algum a experiência vivida. Os místicos proclamam a inefabilidade da experiência. Apresentam a impossibilidade de expressá-la adequadamente e, por outro lado, estão sempre cantando ou falando, mesmo para dizer que sua experiên-

8 ROHDE, E. Psyché: le culte de l’âme chez les Grecs et leur croyance à l’immortalité. Paris : Bibliothèque des Introuvables. 1999, p. 256.

cia é indizível. Os místicos afirmam a inefabilidade da experiência até mesmo depois de terem-na dito. No prólogo do poema, “Oh chama de amor viva!”, São João da Cruz anuncia à destinatária dos versos:

alguma repugnância tenho tido, mui nobre e devota senhora, em declarar estas quatro canções que vossa mercê me pediu, porque, são de coisas tão interiores e espirituais, para as quais falta linguagem – porque o espiritual excede ao sentido – , com dificuldade se diz algo da substância; porque também, se fala mal das entranhas do espírito, se não é com o entranhável espírito.

A linguagem não é suficiente para expressar a experiência de desapropriação do corpo vivida pelos místicos e nomeada por eles como união de amor da alma com Deus. No momento de união de amor mística, não há mais a vivência de corpo, sendo a alma tomada por Deus. A queixa dos místicos é que a poesia não traduz fielmente tal experiência. Como anuncia São João da Cruz, falta linguagem que sustente essa experiência espiritual. A experiência mística não entra no campo da linguagem, e a causa dessa enfermidade da linguagem situa-se no fato, como aponta São João da Cruz, de o espiritual exceder ao sentido. Ao fazer exceção ao sentido, a experiência mística escapa a qualquer referência, até mesmo corporal.

Na psicanálise

Como a lógica da Psicanálise só pode ser demonstrada a partir da clínica, vamos nos apoiar em um relato de final de análise que pode demonstrar a experiência de morte.

Em seu artigo, “O silêncio que se rompe”, Lêda Guimarães consegue transmitir esse momento de experimentação da morte. Segundo a analista, no final da análise, o sujeito se encontra em uma:

Zona final de passagem, de se deixar ser tomada pelo puro horror. Entra numa zona de experimentação de morte, inundada pelo gozo do masoquismo erógeno, no ponto de inexistência da posição do sujeito, onde a experimentação do gozo mortífero equivale à própria experimentação do não-ser. Traumatismo extremo, relativo

ao que poderia ser denominado efetivamente como insuportável. Mas, para surpresa do sujeito, suportava o insuportável, pois todo o seu percurso de análise nada mais foi do que uma longa preparação, de rompimento das defesas, para que, por fim, o sujeito decidisse se deixar mergulhar no horror do inominável.⁹

Horror, gozo mortífero, não-ser, insuportável e inominável são as denominações que a analista utiliza para tentar figurar a experiência do impossível. É nesse sentido que Lacan introduz a necessidade do ato analítico para o final de análise. Em seu relato, Lêda Guimarães observa o seguinte:

Um ato analítico produziu o efeito de fazer emergir pela primeira vez no ponto mesmo de puro gozo, a posição de sujeito desejante. .../... Imediatamente, a câmara de horror começou a ruir, e o sujeito experimentou-se renascendo para a vida.¹⁰

Dessa forma, esse relato demonstra que o ato analítico é, na lógica lacaniana, aquilo que permite o encontro com o contingente. A partir do encontro com o contingente, um outro caminho ainda deve ser traçado – a passagem do contingente ao necessário. Algo do impossível deve absolutamente se escrever. Lêda Guimarães percebe isso, “em sessão de análise, na presença do analista, enunciou o seu nome de gozo: “Mundana”.

A enunciação do nome de gozo permite a passagem do contingente ao necessário; daquilo que “cessa de não se escrever” ao que “não cessa de se escrever”. “Mundana” é a escrita que faltava e que permitiu essa passagem ao necessário. Assim, por ser uma escrita, “Mundana” se relaciona ao elemento da lógica lacaniana que se situa entre a palavra e a escrita, isto é, o matema. Citando Lacan, “é a conquista da análise ter feito matema, quando a mística anteriormente testemunhava sua prova apenas fazendo o indizível”¹¹. Nesses termos, o matema só pode ser formulado no interior da clínica que fundamenta a lógica lacaniana. No início da análise o amor é impossível e no fim, depois de completado o percurso, há a produção de um “novo amor”.

9 GUIMARÃES, L. O silêncio que se rompe , in: Opção lacaniana, Revista brasileira internacional de Psicanálise, São Paulo, Eolia, n. 28, julho de 2000, p. 21.

10 Ibid.

11 LACAN, J. L'étourdit , in Scilicet, p. 42.

No momento de parto e nascimento

O Desamparo

Freud nos aponta um fator impulsionador para a elevação do nível de apresentação da angústia ou ansiedade durante a gestação:

- o trauma do nascimento.
- a primeira experiência de desamparo.

no homem e nos animais superiores pareceria que o ato do nascimento, como a primeira experiência de angústia do indivíduo, imprimiu ao afeto de angústia certas formas características de expressão¹².

Para Freud, a primeira experiência relacionada à angústia, o trauma, ocorre no momento do nascimento em que o ente entra em contato com a sensação do desamparo. Esse desamparo, no pensamento freudiano, advém de uma crescente exigência pulsional e se caracteriza como a ruptura de um sistema estável.

O autor trata a manifestação da angústia como evidência de uma situação de risco assinalada através de traços de desprazer existentes no interior do sujeito, que, assim, passa a vivê-la. Portanto aqui a angústia também surge com papel sinalizador. Ela desencadeia um processo defensivo norteador pelo desprazer e, desse modo, se configura como elemento impulsionador de sintomas. Apesar de essa vivência parecer muitas vezes dolorosa, há que se considerar sua importância, pois, nessa concepção, ela está ligada à preparação necessária para a o enfrentamento com a situação de risco que se apresenta. A situação de risco em questão é o parto. Nas falas de gestantes entrevistadas¹³, é recorrente a preocupação com o momento do nascimento e com todas as circunstâncias que o cercam. Por um lado, geralmente elas concebem a parturição como um momento desconhecido; por outro, elas o imaginam como uma hora de medo

12 FREUD, S. *Inibição, Sintomas e Ansiedade*. Rio de Janeiro: Imago. 1974,

13 Desde o ano de 2006, o grupo de pesquisa Parthos, coordenado pela professora Claudia Murta, tem entrevistado gestantes e puérperas a fim de coletar dados sobre os sentimentos vividos pelas mulheres em período perinatal. Algumas das análises apresentadas neste módulo fazem parte dos resultados da pesquisa (participaram da elaboração deste texto: Luana de Souza Mattos, Maria Cecília de Souza, alunas do curso de filosofia da UFES e Paulo Batistuta, obstetra).

e permeada de acontecimentos negativos. Desse modo, a angústia vivenciada durante a gestação pode ter íntima relação com o simbolismo do parto no imaginário das grávidas. Tal fato pode estar relacionado ao trauma do nascimento revivido no momento do parto.

O instante de separação

No instante do parto, ocorre definitivamente a separação corpórea entre mãe e bebê. Aqui a parturiente se vê diante da emergência de um sentimento de perda muito forte. A sensação que tem é de que algo muito valioso lhe tenha sido roubado, ou ainda, de que partes de si mesma tivessem se perdido. A ruptura do pós-parto a faz experimentar um instante de morte marcado pelo fim do corpo grávido, já que, tanto quanto na morte, o nascimento também remete a uma separação corporal definitiva.

O parto é vida e também morte.

Esta é a sensação mais angustiante do momento do parto.

O conceito de morte é um valor caracterizado culturalmente como um mal, que está ligado às predisposições da alma a entristecer-se. Por meio de entrevistas com gestantes e puérperas, notamos que, nesse momento, a mulher traz consigo a constante sensação de vazio. A puérpera sente-se vazia pela ausência da barriga, pela perda do status de gestante. A dor da perda ou da ausência leva a parturiente a um estado de luto.

Freud afirma também que a separação entre mãe e bebê representa a maior angústia do ser humano, fonte primeira de grande parte dos traumas. O instante do nascimento pode ser angustiante não só para o bebê, que rompe com o complexo mãe-bebê e passa a ser um no mundo, como também para a mulher, que experimenta a sensação de desamparo do próprio nascimento. De qualquer maneira, as reações afetivas oriundas da separação definitiva do complexo abordado implicam dor e luto.

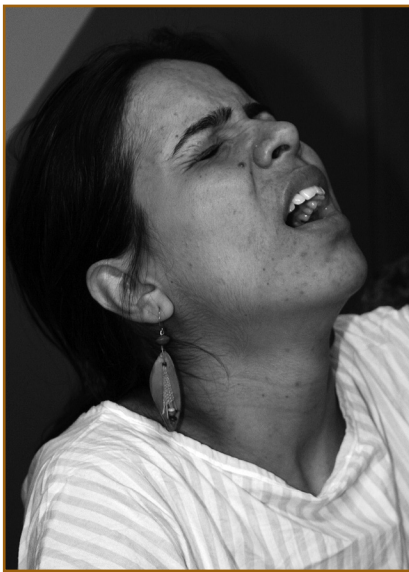
a primeira experiência de angústia pela qual passa um indivíduo (no caso de seres humanos, seja como for) é o nascimento, e, objetivamente falando, o nascimento é uma separação da mãe ¹⁴.

14 FREUD, Sigmund. *Inibição, Sintomas e Ansiedade*. Rio de Janeiro: Imago. 1974,

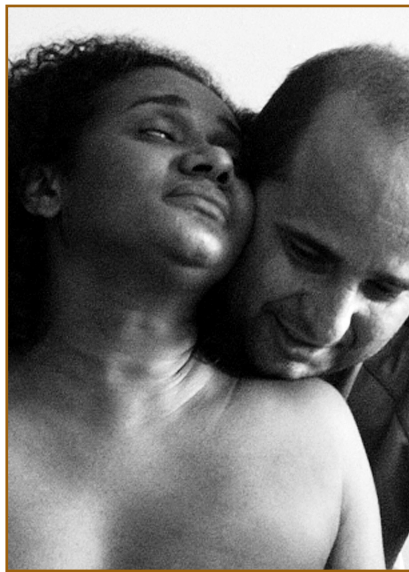
O gozo

Porém parto e nascimento não implicam apenas sentimentos oriundos da dor e do sofrimento, implicam também outros sentimentos oriundos da sensação de prazer, tal como a alegria. É claro que, nessa alegria, não deixamos de perceber uma espécie de alívio da dor e, nesse caso, trata-se de uma alegria que também envolve a dor e que, portanto, pode ser qualificada no campo da psicanálise de gozo. No momento do parto e nascimento, o gozo se apresenta em três momentos com manifestações em sequência de dor, transe e êxtase.

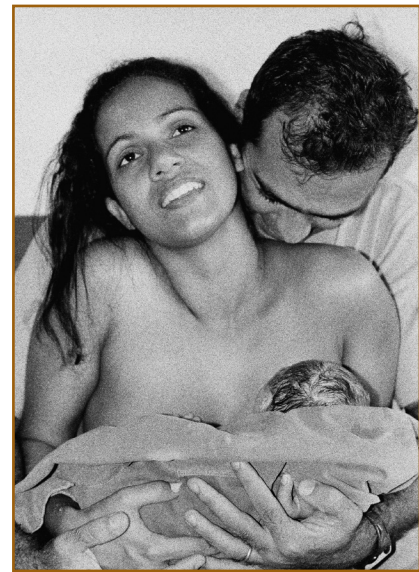
Durante o trabalho de parto, as mulheres experimentam dor¹⁵ e frequentemente uma dor muito intensa, causadora de um grande desconforto. Com a evolução do trabalho de parto, várias substâncias protetoras contra a dor, como neuromoduladores, neurotransmissores e hormônios produzidos pelo próprio corpo feminino, tais como endorfinas, ocitocina, noradrenalina, adrenalina, prolactina, dentre outros, vão se tornando mais frequentes. Em maior concentração e com algum equilíbrio entre si, essas substâncias permitem às parturientes suportarem as dores das contrações uterinas. Uma condição para que essas substâncias atuem, aliviando o desprazer das dores,



Dor



Transe



Êxtase

15 As fotos apresentadas neste módulo são do médico e fotógrafo Paulo Batis-tuta e foram publicadas no livro *Parto: uma dimensão do gozo feminino*. A teoria do gozo no parto foi desenvolvida no mesmo livro por Cláudia Murta e Paulo Batistuta.

é que as mulheres se entreguem ao comando de seu cérebro primitivo, abdicando dos controles e estímulos típicos da vida de relações cotidianas, controladas pelo neocórtex. Desta forma, respeitada a privacidade feminina, essas substâncias remetem a parturiente a um estado anômalo de consciência, ou seja, a um transe. Como um desdobramento possível desse transe, pode ocorrer o êxtase.

Para que seja atingido o êxtase, é necessário que tenham continuidade os estímulos fisiológicos da parturição, como a compressão do reto materno pela cabeça do feto, a presença das dores das contrações, a dor da distensão perineal sentida desde o coroamento até o desprendimento da cabeça. Quando chega o período expulsivo do parto, ou seja, quando a dilatação do colo uterino está completa e o bebê inicia sua descida pelo canal de parto, então o estado de transe já está bastante aprofundado. Algumas mulheres, contudo, não suportam essa dor, ou as emoções a elas relacionadas, e pedem uma anestesia como o alívio possível para si; outras entram num estado de desespero e pedem a cesariana.

De todo modo, seja por meio de parto natural, parto a fórcepe ou cesariana, em qualquer tipo de parto, as mulheres apresentam sinais de gozo. Seguem alguns relatos nos quais esse sentimento se manifesta vivamente.

L.V.F, 1,53 cm de altura, 23 anos,

estava em sua primeira gestação, que se prolongou até a 42ª semana e teve de ser interrompida pela indução do parto por razões médicas estritas. A despeito de seu bebê ter adotado uma posição desfavorável para um parto vaginal fácil, conforme ensinado pela cartilha obstétrica tradicional, toda sua parturição durou apenas 6 horas. Ela não apresentou laceração genital. Seu bebê não chorou ao nascer e tinha um semblante encantadoramente sereno; pesava 4.195 gramas e tinha boa vitalidade. Ela considerou o parto uma oportunidade para vivenciar uma experiência mística.

Eu lembro do momento no qual a cabeça saiu, eu senti vontade que saísse logo – Senti um alívio parcial e fui ficando aliviada. É um entendimento visceral. Eu sei o que é, mas é difícil colocar em palavras. Essa é a experiência mais intensa que existe. Eu senti muita dor. Eu localizo a dor durante as contrações que precederam à passagem do bebê. A passagem mesmo foi uma coisa gostosa. Durante a dilatação fiquei debaixo do chuveiro, a dor parecia que ia me rasgar toda. Me agarrei na fé desde o dia anterior, antes de fazer a indução – continuei ligada com a minha fé. Eu lidava com a dor meio respirando, meio orando. Chamava muito a virgem Maria, pensei em São José. Quando cheguei ao hospital estava aterrorizada com a dor. Eu sentia tanta dor e por mais que eu rezasse a dor só aumentava. Eu gritei muito de dor. Teve uma hora que eu fiquei exausta. Quando ele nasceu foi um alívio, um prazer mesmo depois de tanta dor – Um momento de graça. Eu já estava explodindo nesse momento. Foi uma hora de muita intensidade sem sofrimento. Vem a palavra silêncio. Eu senti descarga muscular – vibração. Eu não sabia se a coisa estava saindo de mim ou se ela estava voltando para mim. A cabeça estava para fora – eu tinha medo da minha vagina estrangular o bebê. A única referência que eu tinha do bebê era a fala dos médicos dizendo que ele estava corado – nessa hora eu soltava a voz do jeito que ela saísse – um lamento. Essa experiência não tem só o lado de pegar o bebê, tem também o vazio que ele deixa dentro de mim – quando ele estava deixando meu corpo. Ele estava saindo de dentro de mim, mas não ia embora. Ele vinha para os meus braços.

D.F.B., médica, 31 anos,

estava em sua primeira gestação, que se prolongou até a 42ª semana. Sua bebê nasceu com 3.390 gramas após 26 horas em fase ativa de trabalho de parto.

Meu parto foi muito difícil, mas foi uma questão de superação. No momento inicial eu ainda estava tranqüila, mas depois eu fiquei cansada, mesmo pensando que tudo ia dar certo. Eu queria ficar com as mulheres, não só com o meu marido. Eu acabei não desenvolvendo confiança na médica que fez meu parto. Isso me atrapalhou. A pressão externa foi muito grande. Eu deixei me influenciar pelo ambiente e por todas as pessoas. Isso atrasou meu parto. Eu não confiava nos médicos. Eu confiava na minha cunhada que teve um bom parto, mas nem nela, eu confiava muito. Eu desconfiava do discurso médico, eu desconfiava de todo discurso. Eu queria que a minha cunhada ficasse perto de mim, pois ela me acalmava. Durante o parto, eu tomei decisões muito importantes. O tempo não contava. Foram 26 horas de trabalho de parto. Quando meu marido disse: Vamos acabar com isso! , foi decisivo para mim. Eu não conseguia me entregar, para eu me entregar, eu tive que ficar sozinha para me decidir e me entregar. O que faltava para mim era confiança em qualquer um outro. Eu achava que só tinha que confiar em mim mesma. Será que é muita prepotência minha? Quando eu decidi, a neném nasceu. Eu coloquei toda a minha força até o momento em que eu sabia que a neném não ia voltar mais. Quando eu percebi que nasceria de qualquer jeito, eu parei de fazer força e, então, foi feito o fórceps. O instante do nascimento foi maravilhoso: eu vi a neném nascendo e saindo de mim; eu olhei para ela nascendo e me reconheci; me senti impressa naquela criança. O momento do nascimento foi muito surreal. Foi uma euforia de fim de batalha, muito importante para mim. Uma sensação de poder fazer do jeito que você é e do jeito que você pode. Sinto uma felicidade imensa quando eu me lembro do meu parto. É uma dor que só deixa lembrança boa.

M.C.S., 24 anos,

estava em sua primeira gestação, que se prolongou até a 42ª semana. Seu bebê chorou ao nascer; pesava 3.880 gramas e tinha boa vitalidade.

Eu estava só. Ansiava avidamente por uma companhia, mas nenhuma presença me confortava. Foi um percurso longo e demorado, 53 horas se passaram entre as primeiras dores e o momento do parto. A princípio eu não sabia se de fato estava em trabalho de parto, mesmo sentindo dores horríveis. Passavam-me várias coisas pela cabeça: dúvidas e medos. Eu preferia não falar, fiquei quieta. Após 48 horas de dores e contrações havia atingido 5 cm de dilatação, eram 23h da noite de uma segunda-feira foi quando o médico me disse que o parto seria naquela noite. Nesse momento caiu a ficha e percebi que, de fato, estava em trabalho de parto, eu daria a luz. A partir desse momento as dores se intensificaram, as contrações aumentaram. A cada contração parecia que a neném iria nascer e eu tinha medo que isso acontecesse. Tinha medo de desmaiar e não aguentar fazer força. Tinha medo de deixar dilatar. No meio da madrugada já tinha 8 cm de dilatação, sentia muita dor, mas o insuportável era a proximidade do parto. A solidão me perturbou. Entrei em pânico e pedi a cesariana. Eu também tinha pavor em pensar na cirurgia, repugnava a idéia da anestesia. Detestava saber que iria ficar inerte em uma mesa enquanto retiravam minha filha. Fui para o centro cirúrgico sem saber se era aquilo de fato o que eu queria. Lembro de pouca coisa da cirurgia. Minha filha chorou e aos prantos voltei à realidade. A mais bela cena que já vi. Inundei-me de alegria, ela era linda, era a minha filha. Chorava junto comigo. Veio pra junto de mim. Os penosos momentos anteriores se apagaram. Tinha minha filha nos meus braços, minha companhia. Naquele momento não importou a via de parto. Sentia-me plena e realizada. No outro dia agradeeci o médico pela minha cesariana.

Alguns aspectos psicológicos do câncer infantil - a criança, a família e a equipe multidisciplinar.

*Médica e Psicanalista do Núcleo de Trabalho em Onco-hematologia do Hospital Infantil Nossa Senhora da Glória.

Diante do diagnóstico de câncer em um filho, as concepções do presente e de futuro da família se rompem e precisam ser reconstruídas. Trabalho que se dá em vigência de tratamento, no qual a criança e sua família passam por um processo de luto e uma posterior reestruturação do seu narcisismo. Luto pelos planos de futuro, pela vida cotidiana, pelo próprio corpo que se modifica com o tratamento, etc. A expectativa de cura e o crédito dado a ela, a princípio muito débil devido ao próprio estigma do câncer, vão corroborar com nosso trabalho de ajudar a família e a criança se implicarem e sustentarem seu tratamento enquanto vão reconstruindo seus planos.

Principalmente para a criança doente, este é um momento crítico, seja pela significação que ela consegue apreender do diagnóstico, seja pelo fato de que muitas vezes deve conviver com uma hospitalização e todas as intervenções que esta acarreta.

Estar doente, precisar frequentar um hospital, experimentar o medo das intervenções, vivenciar a angústia de seus pais, submeter-se ao tratamento, a suas limitações e a seus efeitos colaterais, acarretam para diferentes crianças uma gama de sentimentos e reações que precisam ser escutadas e identificadas desde



*Na clínica do
câncer infantil*

o geral, de ser um paciente portador de um câncer, e desde o seu particular, com a significação que ela consegue dar a sua doença e a seu sofrimento.

É preciso dar um lugar para que este sujeito criança possa nos falar, a todos nós que trabalhamos com ela, a respeito da forma como ela está conseguindo representar o que está lhe acontecendo.

Observamos em determinadas situações no tratamento que algumas crianças percebem a proximidade da morte, a sua ou a do outro. Os temores da perda e da morte atualizam-se para a criança, e para a família, a cada notícia de óbito de algum paciente. Este temor torna-se presente, às vezes, de forma avassaladora quando se presencia a morte de algum companheiro de enfermagem, fato que nem sempre pode ser evitado. Diante dele alguns pacientes e/ou acompanhantes necessitam falar do que vivenciaram e de seus respectivos temores, outros tendem a silenciar e não comentam o fato. Fica evidente nesses casos, muitas vezes, a intensificação de dores, choros sem motivo aparente, etc. Paira no ar o temor de ser o próximo, mesmo porque a alusão ao estamos todos no mesmo barco surge em muitas ocasiões.

Se, para família, o encontro com o câncer é assustador, principalmente pelo que ele traz de desconhecido e ameaçador, do mesmo modo também é para a criança, que vai precisar enfrentar este desconhecido ameaçador.

É importante lembrar quão fundamental é podermos sempre falar às crianças de qualquer idade, sempre respeitando seu desenvolvimento e seu modo de entendimento, sobre tudo o que está lhe acontecendo com todos os detalhes que forem necessários, para podermos ajudá-la a circunscrever um pouco este desconhecido. Quando digo falar, quero dizer principalmente escutar as questões que ela pode nos colocar desde o seu modo de perceber a situação.

Comumente as fantasias são o meio que a criança encontra para responder suas perguntas sem resposta. Questões que ela e a família trazem, para as quais nós, muitas vezes, não temos outra resposta a não ser desfazer seus mitos. Algumas crianças vivem o fato de terem adoecido como um castigo. Fato que precisa ser escutado, pois nossa intervenção nestes casos é determinante, já que suas fantasias estão diretamente ligadas às implicações em seu tratamento.

Seu corpo se modifica ganho de peso, estrias, manchas na pele, perda dos cabelos etc. e o lugar que ocupa para o outro também se

modifica. As imagens que tinha de si e de seu mundo se modificam. Muitas vezes precisa afastar-se da escola, em alguns casos os amigos se afastam e, ocasionalmente, costuma acontecer que o excesso de zelo com que a família a envolve aumenta seu isolamento. Todas essas perdas constituem um dano que necessitará de trabalho, com participação efetiva da criança, para ser ressignificado. Ela precisará recuperar as referências ameaçadas e edificar outras novas, trabalho que precisa contar com a ajuda da família.

A vida, o manter-se vivo passa a ser o “consolo” diante de todas as perdas. Você perde os cabelos, mas vai viver” uma escolha forçada. Isso é fato, mas não podemos deixar de escutar o que isso traz. Observamos que nessa escolha a vida e a ameaça de morte tornam-se tão fortes, que a vida, o estar vivo passa a ser a meta de muitas dessas pessoas.

Nosso trabalho tem procurado colocar esta questão da manutenção da vida com toda a sua significação, na medida do possível (o trabalho, a família, a escola, etc.). Viver, mas procurar sustentar o máximo possível a perspectiva de futuro, o tempo que esta vida durar, como ocorre com todas as vidas.

O retorno da criança ou do adolescente para a escola também se faz investido deste mínimo. Já se conseguiu “muito” por se estar vivo. Notamos em muitos de nossos pacientes que o fato de estarem vivos após ou durante um tratamento de câncer, ter sobrevivido ou estar sobrevivendo ao câncer, os desobriga a trabalharem por seu futuro. Eles vão para a escola, muitas vezes até por insistência dos diversos profissionais do serviço, mas não são responsabilizados por seu progresso. Não precisam mais se sair bem nas tarefas, contentam-se com o mínimo de estarem vivos.

Não se trata de se criar uma exigência de sucesso, mas de escutar a desistência do futuro que está por trás dessa posição. Não ignoramos que as dificuldades às vezes são maiores, seja por seqüelas do tratamento ou pelo fato de terem estado afastados da escola por algum tempo. Porém é importante estarmos atentos, já que poderemos apontar a um sujeito a posição em que ele está se colocando frente a sua vida ou à vida de seu filho pode ajudá-lo a se deslocar desse lugar.

Também encontramos em nosso trabalho pacientes que insistentemente relançam seu desejo, que teimam em querer se divertir, brincar, namorar, estudar, enfim, viver. E não estamos falando de negação, pois é remarcável a posição de luta frente à doença e ao tratamento.

Observamos diferentes movimentos nas famílias, muitas vezes na tentativa de buscar uma nova organização para dar conta deste “novo” que surgiu em suas vidas. Os lugares e as prioridades se modificam, o que pode levar a arranjos que são ora uma solução, ora uma complicação. O filho doente passa, com frequência, a ocupar um lugar tão especial que comumente um ou mais dentre os outros membros da família passam a sofrer ou a apresentar transtornos que podem fixar-se em situações patológicas e até mesmo desencadear uma passagem ao ato como tentativa de buscar o olhar especial que o irmão está recebendo. O próprio casal pode sofrer os efeitos do rearranjo familiar. Observamos a grande incidência de casos onde, frente ao diagnóstico, a criança que não compartilhava o quarto com os pais, passa a fazê-lo, e os que lá já dormiam, aí permanecem. Ouvimos dos nossos pacientes a ameaça de perda que lhes ronda. “Pode acontecer alguma coisa durante a noite”.

Este tema, assim como a necessidade de não deixarem de colocar limites e educarem seus filhos, associado à dificuldade que isto implica, especialmente neste momento, são questões rotineiras nos atendimentos individuais a familiares ou nos grupos. É frequente surgirem nos grupos de pais e acompanhantes muitas dúvidas em relação à educação dos filhos e queixas em relação a mudanças no comportamento das crianças. Ambos indicam não um “não saber” em relação a educarem seus filhos e lidar com as atitudes tiranas que a super proteção e a falta de limites causam. O medo de frustração ou exercício de autoridade dos pais podem causar danos aos filhos ou os tornam infelizes no tempo que lhes resta. Pelo contrário, observamos que as crianças cujos pais conseguem enfrentar seu medo e acreditar na luta que estão empreendendo e na importância de investirem não na morte, mas na vida do filho, tornam-se psicologicamente mais fortes, questionadoras, participativas, podem falar de suas dificuldades pensando em enfrentá-las e não em evitá-las.

É quase unânime que emergem respostas para dar conta do porque seu filho adoeceu a partir de questões subjetivas ou familiares. Meu filho teve câncer porque eu não o alimentei direito, ou não consegui amamentar, ou porque o rejeitei quando grávida, ou porque o pai foi embora, ou porque a família de meu marido é doente, etc., uma variedade que é correlativa de como pode variar o desejo humano e suas fantasias. Situação que não pode ser banalizada, e deve ser trabalhada em sua particularidade, pois vai determinar a relação da criança e da família no tratamento.

Apesar de todos os avanços da ciência em relação à cura do câncer, o estigma de doença fatal, sua significação soldada à morte, surge sempre que tratamos com pacientes e/ou familiares do tema do diagnóstico. Não se trata de uma questão de fé, mas é notável a importância da esperança em conseguir curar-se na mobilização do investimento libidinal por parte da família e da criança em seu tratamento.

O trabalho multidisciplinar com o paciente e com sua família é imprescindível, pois a variedade de questões e a diversidade de problemas não podem ser circunscritos somente por um saber. Além das questões que afetam os pacientes, há também as questões e os conflitos que decorrem do próprio trabalho.

Não é raro vermos surgir em algum profissional da equipe, já observamos até mesmo pequenos grupos se formarem para isso, o objetivo de “compensar” determinados pacientes por seu câncer. Do mesmo modo, notamos a emergência de pequenas questões em alguns profissionais, que apontam para o pouco crédito na possibilidade de cura do câncer. Achamos importante discutir essas questões, pois têm efeito direto na relação do profissional de saúde com seu paciente.

O profissional que tem a vivência de uma enfermagem oncológica, seja ele da área médica, psicológica ou social, enfrenta-se frequentemente com perdas, algumas inesperadas, o que pode contribuir para que ele vá construindo uma expectativa pessimista em relação a seu trabalho. Tal fato pode lhe trazer consequências negativas tanto pessoais e profissionais, quanto em relação àquilo que transmite a seus pacientes.

Uma postura pessimista sobre seu trabalho pode ser consequência de um acúmulo de perdas que, às vezes, são vividas pelo profissional como um fracasso pessoal ou um sinal da ineficácia da tecnologia de que dispõe. É importante estarmos sempre nos questionando sobre o sentido que damos a nosso trabalho, sobre nosso envolvimento e perícia para o mesmo, mas é também fundamental estar atento para o fato de que estamos tratando de pacientes e patologias nos quais, em uma percentagem de casos, o sucesso não é possível por questões inerentes aos pacientes ou às suas patologias.

Perguntamo-nos o quanto nós que trabalhamos com esses pacientes não transmitimos, através de excesso de presentes, gratificações e protecionismos, um sentimento de culpa pelas situações de fracasso e de piedade pelo momento difícil que eles estão enfrentando.

Além disso, o rotineiro enfrentamento com a dor, com a prática de procedimentos invasivos, com as perdas, com o sofrimento e com as dúvidas das famílias traz um acréscimo de angústia e de perguntas sem respostas possíveis. Fatos que tornam necessário que esses profissionais façam investimentos frequentes em treinamentos, atividades em grupo para falar das questões que tocam a equipe e um movimento individual em responder suas próprias questões diante de sua vida e de sua morte.

Um paciente é portador de câncer quando está doente, mas deve poder deixar de sê-lo. Além do estigma que a doença ainda traz, a piedade e os cuidados especiais fixam o sujeito em uma posição infantil em que a gratificação de receber do outro o que precisa limita suas ambições. Se o outro não responde do lugar correspondente, se não supre tudo de que o paciente precisa, fica uma falha por onde pode passar a possibilidade de que o sujeito se responsabilize por sua vida.

Leituras Recomendadas

BATISTUTA, P & MURTA, C. Parto: uma dimensão do gozo feminino. 2ª ed. Vitória: A1, 2006.

D'AVILA, T. Obras Completas. 5ª ed. Madrid: Espiritualidad, 1993.

DE LA CRUZ, J. Obras Completas. 5ª ed. Madrid: Espiritualidad, 1993.

Leitura e Conversação

Leitura de um poeta, místico, analista que tenha sido indicado pelos professores e participação de uma conversação sobre o tema da experiência de morte no encontro presencial com o tutor.

Claudia Murta

Nasceu em Vitória, ES. Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (1989), mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1992), mestrado em Lieux et Transformations de la Philosophie pela Université de Paris VIII (1993), doutorado em Lieux et Transformations de la Philosophie pela Université de Paris VIII (1997), especialização em Educação a Distância UFES/UFMT (2001). Atualmente é professora adjunta do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo (Graduação e Mestrado). Coordenadora de pesquisa do Núcleo de Educação Aberta e a Distância da UFES. Tem experiência na área de Filosofia e na área de Psicanálise. No campo da EAD, publicou o livro Dimensões da humanização: filosofia, psicanálise, medicina”, em 2005, pela EDUFES; “Metodologia EAD” em 2008, “Filosofia da Ciência” em 2009.

Fernando Pessoa

Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1985), mestrado em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1989), mestrado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2000). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal do Espírito Santo, editor da revista Sofia e organizador dos Seminários Internacionais Museu Vale. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Heidegger e Nietzsche, atuando principalmente nos seguintes temas: linguagem, verdade, arte, poesia.

ISBN 978-85-99510-61-2



www.neaad.ufes.br
(27) 4009 2208

